

Título del trabajo

Formação Continuada em Redes Latino Americanas: Experiências e Narrativas Docentes no México, Peru e Brasil

Nombre y Apellido del/os/as escritor/es/as.

Jacqueline de Fatima dos Santos Morais¹

Mairce da Silva Araújo²

Ciudad de procedencia. Dirección electrónica y N° del celular.

Rio de Janeiro – Brasil

Jacqueline de Fatima dos Santos Morais - jacquelinemorais@hotmail.com

Celular: (55 – 021) 991269140

Mairce da Silva Araújo - mairce@hotmail.com

(55 – 021) 991269140

Aclaración de la/s Institución/es de pertenencia del trabajo y/o los/as escritores/as.

Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

REDEALE (Rede de Docentes que Estudam e Narram sobre Alfabetização, Leitura e Escrita)

Eje temático en el que se inscribe el trabajo.

2. Formación de maestros y educadores en red y posicionamiento ético-político.

¹ Experiência profissional de 32 anos como docente de classes de ensino fundamental e docente na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Estudos realizados no Curso de Pedagogia, Mestrado em Educação, Doutorado em Educação e Pós-doutorado em Educação. Coordenadora da Redeale e da RedeFormad, no Rio de Janeiro. jacquelinemorais@hotmail.com

² Docente na Faculdade de Formação de Professores da Universidade do Estado do Rio de Janeiro. Estudos realizados no Curso de Pedagogia, Mestrado em Educação, Doutorado em Educação e Pós-doutorado em Educação. Coordenadora da Redeale, no Rio de Janeiro. maice@hotmail.com

Formação Continuada em Redes Latino Americanas: Experiências e Narrativas Docentes no México, Peru e Brasil

Jacqueline de Fatima dos Santos Morais – UERJ e REDEALE

Mairce da Silva Araújo – UERJ e REDEALE

Introdução

O trabalho “Formação Continuada em Redes Latino Americanas : Experiências e Narrativas Docentes no México, Peru e Brasil” congrega ações produzidas no interior da “Rede de Docentes que Estudam e Narram sobre Alfabetização, Leitura e Escrita” (REDEALE). Desenvolvemos atividades que envolvem pesquisa, extensão e ensino com desdobramentos nos três países da América Latina acima citados, bem como variados grupos de pesquisa e coletivos docentes. Buscamos contribuir para a organização de ações em redes e coletivos docentes no México, Peru e Brasil. Apostamos na formação continuada a partir da perspectiva *investigação-formação*. Na REDEALE buscamos compreender processos coletivos de mudança das práticas pedagógica a partir das relações de interação e interlocução entre docentes, em/por coletivos docentes. Este trabalho, portanto, traz parte de nossos movimentos nos quais pretendemos estreitar e ampliar laços e ações colaborativas nos países já mencionados.

Rede de Docentes que Estudam e Narram sobre Alfabetização, Leitura e Escrita

A Redeale, coletivo de Docentes que Estudam e Narram sobre Infância, Alfabetização, Leitura e Escrita, resultou da articulação entre professores(as) e grupos de pesquisa, localizados na cidade de São Gonçalo, município do Estado do Rio de Janeiro, Brasil, a partir do vínculo com a Faculdade de Formação de Professores, da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, mobilizados pelo objetivo de compartilhar experiências docentes na educação infantil, na alfabetização e no ensino superior, no ano de 2015.

O impulso para a criação do coletivo surgiu a partir da participação de Jacqueline Morais e Mairce Araújo, professoras da referida instituição universitária, juntamente com Rose Mary Magdalena, professora da escola básica e Luana Valeriano, estudante do Curso de Pedagogia, no “VII Encuentro Iberoamericano de Colectivos e redes de Maestros y Maestras que Hacen Investigacion e Innovación desde su Escuela y Comunidad”, que ocorreu no Peru, na cidade de Cajamarca, de 20 a 25 de julho de 2014. Retornamos do encontro muito felizes por conhecer pessoas de tantas partes da América Latina e Espanha que acreditam na organização coletiva como forma de construir uma pedagogia libertadora e democrática. Aprendemos muito da educação e da cultura peruana. Nos encantou Machu Picchu, Cusco, Lima, Ollantaytambo, e claro, comer ceviche, Lomo Saltado, Ají de Gallina e Chicharrón.

Nossas primeiras interlocuções, contudo, com a “Red Latinoamericana de maestros que hacen investigación desde la escuela” teve início no “VI Encuentro Iberoamericano de Colectivos escolares y Redes de Maestras y Maestros”, que aconteceu na cidade de Huerta Grande, Córdoba, Argentina, no período de 17 a 22 de Julho de 2011, marcando o início de uma caminhada, que hoje se consolida na interlocução com o “Colectivo Peruano de Docentes que Hacen Investigación e Innovación desde la Escuela y la Comunidad”.

Depois do encontro em Peru, via *Skype*, seguimos em contato com a rede de Cajamarca, através de encontros mensais, com duração de cerca de três horas cada, um intenso diálogo que tem se nutrido do desejo coletivo de compartilhar experiências docentes, com vistas a fortalecer a luta por uma escola popular emancipadora na América Latina. Por tudo isso agradecemos ao professor Santos Gabino Abanto Abanto e toda sua rede. A partir desta participação no evento acima mencionado, voltamos com a firme decisão de organizar nossa Rede em São Gonçalo. Assim, no início de 2015 acontecia a primeira reunião entre o “Colectivo Peruano de Docentes que Hacen Investigación e Innovación desde la Escuela y la Comunidad e a Redeale.

estamos muy animados de hacer el proyecto juntos, los matices, las diversidades, la cultura los colores serán los ingredientes para esta linda experiencia de creación colectiva. (Blog “Red de Maestras y Maestros Desenredando Nudos”)

A afirmação das professoras peruanas, publicadas em seu blog “Red de Maestras y Maestros Desenredando Nudos”, compartilha o entusiasmo que a experiência vivida tem provocado nos dois lados.

Con agrado compartimos el animo que tenemos, junto con las maestras y maestros de la Red de Brasil, de iniciar el desarrollo de proyectos colectivos, estamos en el camino de su construcción, amabas redes se reúnen, planifican y coordinan su trabajo. (Blog “Red de Maestras y Maestros Desenredando Nudos”. 25 enero. 2016.)

Dos primeiros passos elaborados na direção da materialização dos desejos de interlocução, muitos obstáculos têm sido enfrentados por nós. Dois, em especial, têm nos desafiado a elaborar estratégias criativas que alimentem nosso desejo de construção de parcerias: a distância física Brasil- Peru e os diferentes idiomas, português-espanhol.

Em relação à distância física, o *Skype* tem sido nossa saída. No entanto, sabemos que o uso da tecnologia sempre é atravessado por seus desafios particulares. Como, por exemplo, as vezes em que a comunicação ficava difícil, e houve momentos que impossibilitada, pois um dos lados estava com problemas em sua rede digital. Apelamos por fazer os encontros virtuais em nossas residências particulares, o que também exigiu outros combinados e o esforço de lançarmos mão dos finais de semana para conciliar as diferenças nas agendas dos dois grupos. A diferença de horário também estava atrelada à distância física, por exemplo, acabou não sendo possível até o momento favorecer o diálogo direto entre crianças brasileiras e peruanas, o que foi uma das propostas levantada pelos grupos em 2015.

Quanto a diferença de idioma, outro desafio que os dois coletivos têm enfrentado, embora unidos pelo mesmo objetivo de compartilhar experiências, entendemos como Ulibarri (apud Garcia, 2008), que

o idioma, o Verbo, carrega, em si, a história, a cultura, as tradições, a própria vida de um povo, sua carne. O idioma é o povo. Não podemos conceber um povo sem idioma, nem um idioma sem povo. Ambos são uma mesma e única entidade. Conhecer um equivale a conhecer o outro.

Completando a autora, dizemos ainda que conhecer-nos mutuamente envolve um lento processo, que vai além de um conhecimento básico da língua portuguesa e da língua espanhola. Compartilhando nossas investigações a partir da escola e da

comunidade, vamos apresentando um coletivo a outro, muito mais do que métodos e técnicas pedagógicas. Compartilhamos um patrimônio de saber-fazer vivo, incorporado em práticas cotidianas, numa história, numa cultura, em leituras de mundo, como nos ensina Freire.

Repensando nossa caminhada, buscamos, a cada encontro, nos ensinamentos do poeta sevilhano Antonio Machado, *caminante, no hay camino, se hace camino al andar*, inspiração para a construção de alternativas que nos possibilite levar adiante nosso desejo de parcerias. Assim, dos primeiros momentos de conversas mais informais até momento em que nos encontramos hoje, no qual compartilhamos o desenvolvimento de um projeto nos primeiros meses de 2016, com vistas a ser sistematizado e levado para os encontros do México em 2017, temos construído atalhos, pontes, bitelas que possam nos ajudar a nos conhecermos mutuamente, enquanto sujeitos e nações com suas especificidades e a nos (re)conhecermos em nossas identidades, enquanto América Latina. Acreditamos, assim, que temos dado passos seguros no fortalecimento de uma parceria que se firma no objetivo de fazer investigação a partir da escola e da comunidade.

Nossa rede se reúne mensalmente com a presença média de cerca de 15 professoras, dentre as que possuem certa regularidade na participação e as que estão nos encontros de maneira mais esporádica. Entendemos que transformações pedagógicas na sala de aula podem ocorrer fortalecidas por processos coletivos, a partir de relações dialógicas (FREIRE, 1996) e horizontais, tecidas por processos de interação e interlocução entre docentes.

O diálogo que temos construído entre Brasil e Peru tem confirmado para nós reflexões que afinadas com as perspectivas epistemológicas de Paulo Freire e Boaventura de Souza Santos (conhecimento e emancipação), confirmam que o contexto educacional atual na América Latina é fruto de políticas colonizadoras de tradição eurocêntrica e fortemente alinhadas às necessidades do chamado mercado global.

Indo na contramão das lógicas colonialistas, os coletivos docentes com os quais intercambiamos projetos de investigação e ação, vem assumindo uma postura investigativa a partir do cotidiano da escola e da comunidade. Vivendo a experiência da construção de projetos coletivos, docentes e estudantes têm favorecido a emergência de uma ecologia de saberes, como afirma Santos (2006), produzida a partir de questões que atravessam as experiências locais, colocando em confronto projetos globais.

Redes Docentes: possibilidades de formação e ação

Temos buscado no âmbito de nossa Rede e do local de trabalho, a Faculdade de Formação de Professores, uma unidade da Universidade do Estado do Rio de Janeiro, formas de estabelecer vínculos com outras Redes e Coletivos Docentes. Este esforço resultou em nossa participação em eventos promovidos em países da América Latina nos quais há organização de professores/as. Com mais intensidade, temos desenvolvido relação com México, Argentina e Peru. Nestes países, o contato com coletivos docentes no campo da educação tem nos possibilitado desenvolver pesquisas e ações coletivas que têm implicado também a participação de alunos da graduação e pós-graduação da Faculdade de Formação de Professores.

Mesmo levando em conta que a busca por ações coletivas faz parte da identidade dos movimentos docentes, são poucos os estudos acerca das redes de formação coletiva mesmo sabendo que "las redes de maestros y profesores son una oportunidad para generar ámbitos más democráticos, donde la horizontalidad es posible, en tanto cada

uno de los miembros del colectivo asuma que siempre hay algo que enseñar y algo que aprender." (DUHALDE, 2009)

Desta forma, estar em coletivos docentes tem nos permitido pensar e praticar a formação docente na América Latina, dentro da universidade e em diálogo com escolas da rede pública, modos outros que não aqueles tradicionalmente desenvolvidos: pelo poder público ou pelas universidades, considerados *especialistas* da educação.

Nossas ações na “Rede de Docentes que Estudam e Narram sobre Alfabetização, Leitura e Escrita” tem sido atravessadas pelas temáticas de formação continuada, alfabetização, memórias, histórias e narrativas docentes. Desta forma, durante as ações que desenvolvemos na REDEALE, fomos percebendo que as narrativas docentes revelam saberes e fazeres pedagógicos construídos e vividos em diferentes tempos e lugares, em boa parte das vezes atravessados por *coletivos* ou *comunidades* formadas por *redes de subjetividades* (SANTOS, 2000). Isto implica reconhecer que professores/as se formam em múltiplos espaços e tempos, em movimentos diversos e de natureza complexa, permeados por relações grupais, colaborativas e dialógicas. As vezes são pequenos coletivos que se formam e se dispersam rapidamente. Outras vezes, constituem comunidades que permanecem e atravessam longo tempo.

Assim, é politicamente importante aprofundar os estudos sobre os modos como coletivos docentes se formam, sobrevivem e como têm contribuído para a formação continuada de professoras da escola básica. Esta perspectiva tem nos ajudado a perceber a importância dos coletivos e das redes como formas alternativas de viver e organizar a formação e do trabalho docente.

A experiência com redes de formação docente implica buscar romper com uma concepção linear, sequencial e evolutiva de formação, baseada numa pretensa relação temporal de causa e efeito. O trabalho com redes e coletivos docentes tem nos desafiado a buscar compreender a professora, como *legítima outra* (MATURANA e VARELA, 2001) e o papel do grupo na resignificação da formação docente. A experiência vivida na REDEALE tem nos ajudado a compreender a formação como *acontecimento* (LARROSA, 2004).

Buscamos, como coletivo docente, contribuir para a construção de horizonte de possibilidades, como tão bem indica Bakhtin (1992), no movimento de construção de uma escola e de fazeres docentes inspirados em referenciais teórico-metodológicos éticos porque solidário, estéticos porque reencantado, políticos porque participativo, como nos ensina Santos (2000).

Comprometemo-nos, além disso, com a “produção de um conhecimento prudente para uma vida decente”, como defende Santos (2006), entendendo ser este um princípio político-epistemológico importante de nossa prática. Essa perspectiva nos faz buscar ouvir as vozes da escola para com elas dialogar, já que, historicamente, as escolas e os seus sujeitos – professores, professoras, funcionários e funcionárias, alunos, alunas, pais e mães – não têm sido reconhecidos como principais “narradores e narradoras da sua própria história” .

Buscamos, além disso, afirmar o cotidiano escolar como espaço-tempo de tensão entre conhecimentos e práticas de regulação e emancipação (SANTOS, 2006) e, também, como locus privilegiado de circulação e resgate de saberes, histórias e memórias, bem como de preservação e (re)criação da cultura local. Assim, os encontros que se dão como parte da REDEALE são ricos momentos de construção coletiva de ação-reflexão-ação. O espaço coletivo nos convida a exercitarmos uma escuta sensível (BARBIER, 1992), tanto em relação aos dizeres da universidade, quanto da escola.

Os encontros da REDEALE tem como objetivo possibilitar um movimento de reflexão dos/as professores/as acerca de sua própria experiência com vistas a garantir a

sistematização e a organização dos registros das experiências e, ao mesmo tempo, fortalecer a dimensão pesquisadora da formação docente.

Historicamente, a formação de professores/as tem acontecido, fundamentalmente, nos espaços formais: tanto a inicial, vista como tarefa da universidade e das escolas de formação de ensino médio. Tanto o modelo de formação continuada quanto o de formação inicial têm recebido tradicionalmente inúmeras críticas por parecer não conseguir dar conta dos complexos desafios que se colocam para o magistério. Ambos têm sido acusados de assumirem um modelo de racionalidade técnica, e de não permitirem, com isso, a construção de práticas formativas potencializadoras do resgate de memórias, histórias e narrativas das professoras em formação. Assim, as Redes e Coletivos Docentes são modos de resistência e enfrentamento, revelando que a escola se reinventa a cada dia.

Do cotidiano das escolas, da vida e da profissão docente, alternativas às políticas educacionais, aos projetos impostos, ao que vem de cima para baixo, às políticas de formação continuada, são tecidas. Nossa experiência com a REDEALE nos mostra que os encontros entre coletivos docentes são espaços privilegiados de compartilhamento das experiências “invisíveis”.

É neste sentido que afirmamos que professores e professoras não são consumidores/as dos “pacotes pedagógicos” que caem sobre suas cabeças a cada nova gestão administrativa, ou das “novidades metodológicas” que a cada momento lhes são apresentadas como “o moderno ou o avançado”, mas são produtores/as de fazeres, projetos e políticas.

A nosso ver, tal reflexão encontra eco nas ponderações de Boaventura Santos (2006) quando nos alerta para o risco que estamos correndo quando desperdiçamos nossas experiências. O autor defende que invertamos a lógica que tem prevalecido na modernidade que contrai o presente em nome da dilatação do futuro. Ou seja, nos organizamos tanto fora, quanto dentro da escola, em nome de um devir, um futuro que ainda virá, preparamos nossos jovens para ocupar um lugar na sociedade do futuro, educamos nossos filhos em função do futuro... portanto, dilatamos o futuro, ao mesmo tempo que contraímos o presente.

Contudo, é no presente que as contradições se materializam. É no aqui e agora que as crianças não estão aprendendo, que os profissionais do campo educativo inúmeras vezes estão perdidos nas escolas, que os pais não se sentem contemplados com o desenvolvimento escolar de seus filhos e etc. E o que estamos fazendo diante de todos esses desafios, nada? Será que nós professores, especialistas, alunos, pais, dirigentes não estamos fazendo nada dentro das escolas? Que processos estão em curso no cotidianos escolar: apenas de exclusão e de reprodução das condições sociais injustas nas quais vivemos? Ou será que no cotidiano também produzimos as alternativas à exclusão e a produção das desigualdades sociais?

Com Boaventura (2006) acreditamos que é preciso não desperdiçar nossas experiências, e para isso, precisamos antes de mais nada identificá-las: que experiências estão sendo gestadas dentro das escolas, nas comunidades que podem contribuir para construir uma escola que, de fato, garanta o direito a uma escolarização de qualidade à toda população.

É por esse caminho que temos tentado andar, ou seja, olhar a escola com um espaço potente, no qual se tensionam sim projetos, ora voltados para a exclusão e reprodução das desigualdades sociais, ora voltados para a construção de alternativas. Olhar para a escola a partir dessa perspectiva, nos convida a colocar seus sujeitos professores, alunos, especialistas, dirigentes e pais como interlocutores privilegiados na construção de seus projetos. A investir no que chamamos de “comunidade

investigativa” onde esses sujeitos são convidados a refletirem sobre suas próprias experiências.

Entendemos que reflexões como construídas coletivamente podem contribuir na dilatação do presente para que, aprendendo as lições que ele nos ensina, construir as bases de um futuro mais solidário e potente para a América Latina.

Conclusões

Apostamos numa escola que constrói alternativas coletivas. Que assume sua potência e força. Por isso, nos sentimos contempladas com o alerta de Boaventura (2006): é preciso não desperdiçar nossas experiências. Para isso, precisamos identificá-las: que experiências estão sendo gestadas dentro das escolas e que podem contribuir para construir uma escola que, de fato, garanta o direito a uma escolarização de qualidade a toda população? Como Brasil, Peru, Argentina, México, países que temos relações de trabalho e cooperação, tem buscado dar visibilidade as saberes produzidos no cotidiano escolar? Como as redes e coletivos de professores estão caminhando nesta direção?

Olhar para a escola a partir dessas perguntas nos convida a colocar professores, alunos, especialistas, dirigentes e pais como interlocutores privilegiados na construção dos projetos pedagógicos. Nesta perspectiva, somos todos convidados a narrarmos e refletirmos sobre nossas próprias experiências, assumindo a perspectiva de formação centrada na realidade escolar.

Nossa experiência com grupos de professores na Redeale tem nos levado a complexificar a hegemonia de uma racionalidade técnica de formação continuada e, ao mesmo tempo, a defender uma concepção de formação continuada centrada na escola. Esta centralidade, no entanto, não apaga o diálogo com propostas formativas outras, produzidas dentro da Universidade e em outros espaços de formação, tais como: sindicatos, centros de cultura, museus. O que sonhamos é que as narrativas, memórias e histórias docentes, reafirmem a riqueza dos pequenos acontecimentos, afirmando a potência da escola e dos coletivos docentes.

Referências bibliográficas

ARAÚJO, Mairce. (Auto)formação docente e práticas interculturais: pistas para a construção de uma escola mais democrática. In: PERES, Américo Nunes, VIEIRA, Ricardo (coord). **Educação, Justiça e Solidariedade na Construção da Paz**. Associação Portuguesa de Animação e Pedagogia APAP, Chaves, Centro de Investigação, Idetidade(s), Diversidade(s). (CIID) IPL – Leiria, Portugal, 2010.

BAKHTIN, Mikhail. **Estética da Criação Verbal**. São Paulo, Ed. Martins Fontes, 1992.

Blog “Red de Maestras y Maestros Desenredando Nudos”. Disponível em: <<http://desenredandonudos.jimdo.com/>> Acessado em 10/05/2016.

CONNELLY, F. Michael & CLANDININ, D. Jean. Relatos de Experiência e Investigación Narrativa. In: RODRÍGUEZ, Maria Luiza & LARROSA, Jorge (orgs). **Déjame que te cuente** – ensayos sobre narrativa y educación. Barcelona, Espanha. Editorial Laertes, 1995.

DUHALDE, Miguel Ángel (coord.) **Investigación educativa y trabajo en red:** debates y proyecciones. Buenos Aires: Centro de Publicaciones Educativas y Material Didáctico, 2009.

FREIRE, Paulo. **Pedagogia da Autonomia**. 17. ed. São Paulo: Paz e Terra, 1996.

GARCIA, Anna. **Language and Identity**. Available at: <http://si.unm.edu/Web%20Journals/Articles/Anna%20Garcia.html>. Accessed on: January 3, 2008.

LARROSA, Jorge. **Linguagem e educação depois de Babel**. BH: Autentica, 2004.

MATURANA, H; VARELA, F. J. **A árvore do conhecimento:** as bases da compreensão humana. São Paulo: Palas Athena, 2001

MORAIS, Jacqueline de Fátima dos Santos. A escola pública e os discursos sobre sua pretensa crise. Rio de Janeiro, **Teias**, ano 2, nº 4, jul/dez 2001. p.55 - 61.

_____, ARAÚJO, Mairce da Silva, et alli. **Narrativas autobiográficas:** a potência da escrita de si no processo de formação docente. In: XV ENDIPE, 2010, Belo Horizonte. Anais do XV ENDIPE. Belo Horizonte : UFMG, 2010.

_____; ARAÚJO, Mairce da Silva ; PRADO, Guilherme V. T. Extensão e formação docente na escola: projetos em diálogo. *Extensio* (Florianópolis), v. 9, p. 91-105, 2012

SANTOS, Boaventura de Sousa. **A crítica da razão indolente** – contra o desperdício da experiência. S. Paulo: Cortez, 2000.

_____. **A gramática do tempo**. Para uma nova cultura política Porto: Edições Afrontamento, 2006.